

coleção viu **paulo pasta**

Para olhar para qualquer coisa, se quiser conhecê-la, precisa olhá-la por muito tempo. Olhar para este verde e dizer: “Eu vi a primavera nestes bosques.”, não é suficiente. Você precisa ser o que vê: precisa ser as serpentes escuras dos caules e a plumagem exuberante das folhas... —JOHN MOFFITT

Você viu que algumas cores são macias e outras são ásperas? Viu como as formas das asas da borboleta e das asas do besouro são diferentes? Viu as linhas das folhas das samambaias? A *Coleção Viu* é um convite de três artistas para olharmos as cores, as formas e as linhas das coisas que vemos, sentimos ou imaginamos. É, também, um convite à criação, escrito só com imagens, para ser lido até por quem ainda não conhece as letras. Quando vemos uma coisa muito interessante, logo queremos contar para um amigo e, não encontrando as palavras certas, desenhamos. Desenhar é uma maneira de escrever, que serve para dizer o que as palavras não dizem. Uma forma de comunicação que pode ser entendida mesmo por pessoas que moram em outro país e falam um idioma diferente do nosso. Há muitos anos, recebi a visita de um artista dinamarquês, que não sabia nada de português, mas gostava muito de desenhar e, através dos desenhos, pudemos conversar. Guto Lacaz observa que *cada pessoa tem um desenho, como uma caligrafia*, que também é um desenho. A caligrafia do artista dinamarquês era diferente da minha, mas, desenhando, falávamos a mesma língua. Você gosta de desenhar?

Edith Derdyk conta que sempre gostou de desenhar: *seja na parede, no chão, na lousa, no papel, na areia, no muro, na pedra, no papelão, no prato de porcelana, no pote de vidro...* Talvez você goste de desenhar apenas com linhas pretas, mas sua amiga goste mais de fazer desenhos coloridos e seu amigo goste de desenhar cenas em movimento, como numa animação. Cada um tem uma forma de desenhar, porque *cada um vê de uma maneira diferente*, diz Paulo Pasta. Alguns desenhos precisam de muito espaço, outros cabem em um pedacinho de papel. Alguns precisam de muitas cores, outros de apenas uma. Desenhamos para registrar o que vemos, mas também, para expressar ideias, sonhos, medos, alegrias e tristezas. Uma vez, um menino me disse: *“Desenhar é bom para tirar as ideias da cabeça. Porque sempre que a gente tem uma ideia, a gente quer ter ela, brincar com ela, aí a gente desenha ela.”* Ele desenhava para brincar, para dar vida à sua imaginação. Desenhando somos *as serpentes escuras dos caules e a plumagem exuberante das folhas...*

ANA ANGÉLICA ALBANO

Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP. Licenciada em Desenho e Plástica pela FAAP, doutora e mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Foi diretora do Museu de Artes Visuais da UNICAMP (2014 a 2017) e diretora associada (2012 a 2014). Professora convidada da Facultad de Educación da Universidad de Cantábria, Santander, Espanha (2012 a 2018). Fellow do Centro Botín, Santander, Espanha.

1.

coleção viu paulo pasta

**COI**

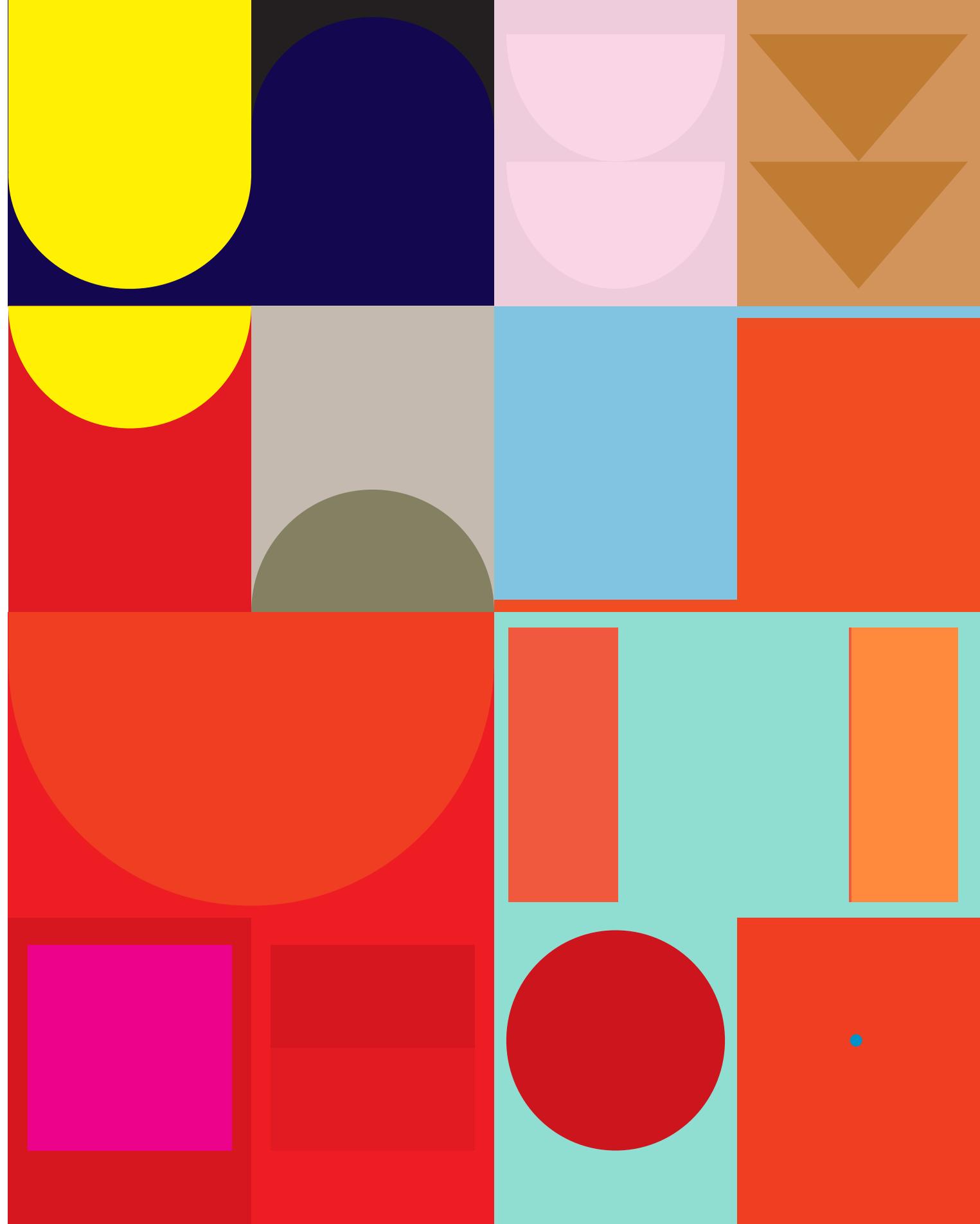
“AS CORES PODEM SER AS PONTES E AS JANELAS QUE LIGAM O QUE VEMOS AO QUE SENTIMOS.” —p.p.

# COR

As cores que conhecemos são as mesmas que vemos?  
Recordamos? Amamos? Imaginamos?  
Acho que o que vemos é diferente do que conhecemos e do que imaginamos. O que conhecemos depende muito do que sentimos. E quanto mais conhecemos, mais vemos. Por isso também não vemos igual. Cada um vê de uma maneira diferente. As cores podem ser as pontes e janelas que ligam o que vemos ao que sentimos. É isso que faz com que elas sejam mais interessantes quando usadas pelos pintores. O pintor não pinta só o que vê. O que ele pinta depende muito do que ele sente, sonha, lembra e imagina. Tudo isso é real para o pintor. O real pode ser, então, o que vemos e também o que não vemos. Vamos pensar em cores dessa maneira?

—Paulo Pasta

**Paulo Pasta** nasceu em Ariranha, interior do estado de São Paulo, em 1959. É um dos principais pintores contemporâneos. Doutor em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (2011), realizou exposições individuais em diversos espaços, como Instituto Tomie Ohtake, Museu Afro Brasil, SESC Belenzinho, Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre outros. Suas obras integram diversas coleções, entre as quais Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP; Museu de Belas-Artes do Rio de Janeiro, RJ; Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA; e Kunsthalle, Berlim, Alemanha.



UMA DÁ BOM DIA

OUTRA DÁ BOA NOITE